

Ressoar a pergunta: o que vem a ser o Txaísmo?

To resound the question: what is Txaism?

IDJAHURE ACHKAR DE MENDONÇA PINTO KADIWEL

Universidade de São Paulo (USP) São Paulo SP Brasil

LUCAS CANAVARRO RODRIGUES MARTINS

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) Rio de Janeiro RJ, Brasil

RESUMO

Concebido originalmente como uma palestra-performance, o artigo apresenta uma rede de diálogos e questões em torno do Txaísmo, termo cunhado pelo artista, escritor e curador Jaider Esbell. Referente a uma espécie de política de alianças entre povos indígenas, e entre indígenas e não-indígenas, presente em artigos e obras do autor, o artigo busca ressoar a questão elaborada por Jaider ("O que vem a ser o Txaísmo?") estendendo-a a um conjunto de agentes dessa teia, amplificando suas implicações e contradições éticas. Nesse processo, são também explorados aspectos históricos e antropológicos acerca de como o termo txai foi dotado de uma significação para além de seu sentido huni kuin original e difundido mundo afora.

PALAVRAS-CHAVE

Txaísmo; alianças afetivas; arte indígena contemporânea; Jaider Esbell; palestra-performance.

ABSTRACT

Originally conceived as a lecture-performance, the article presents a network of dialogues and questions around Txaism, a term coined by the artist, writer and curator Jaider Esbell. Referring to a kind of policy of alliances between indigenous peoples, and between indigenous and non-indigenous people, present in the author's articles and works, the article seeks to echo the question raised by Jaider ("What is Txaísmo?"), extending -a to a set of agents of this web, amplifying its implications and ethical contradictions. In this process, historical and anthropological aspects are also explored about how the term txai was endowed with a meaning beyond its original huni kuin meaning and spread throughout the world.

KEYWORDS

Txaism; affective alliances; contemporary indigenous art; Jaider Esbell; lecture-performance.

Apresentação

O texto deste artigo foi originalmente concebido como uma palestra-performance em vídeo para o festival Atos de Fala, uma plataforma curatorial de investigação da relação entre a arte da performance e o texto. Com a edição deste ano intitulada Materializar os impossíveis, correspondemos à chamada com uma proposta a partir do elo de duas inspirações trazidas por Jaider Esbell, um artigo seu escrito em 2018, intitulado O Txaísmo, os Txaístas e os Ismos, assim como pela exposição de sua curadoria, Moquém_Surari: arte indígena contemporânea, realizada no Museu de Arte Moderna de São Paulo, no segundo semestre de 2021. A ideia-motriz, como estampa nosso título, é o Txaísmo. Quisemos aqui desdobrá-la em seus diferentes matizes. O processo de realização da palestra-performance envolveu afinidades tanto ao formato acadêmico quanto ao formato podcast em seu feitio. O primeiro devido ao tratamento dado nas respostas, pela forma e conteúdo de diversas das vozes convidadas para ressoar a pergunta; o segundo pelas escolhas que tivemos que fazer sobre o fluxo e encadeamento das próprias vozes que contribuíram para o trabalho. Agradecemos com sua contribuição as vozes de Anna Dantes, Gustavo Caboco Wapichana, Marlui Miranda, Nana Orlandi e Rita Sales Huni Kuin. Sem suas contribuições não haveria rede de ressonâncias para tecer. Cada voz contribuiu primorosamente para um percurso elucidativo e crítico, sem ser definitivo nem dogmático, em torno da questão que quisemos ressoar.

A palestra-performance foi gravada com nossas próprias vozes, em uma leitura em voz alta do texto, assim como fizeram a maioria de nossos depoentes. A edição do vídeo foi realizada por Lucas Canavarro a partir de uma compostagem de imagens realizadas por nós em outros trabalhos, transmitindo imagens de paisagens naturais brasileiras (o Brasil é Terra Indígena!); percursos pelo rio Jordão, pelo rio Negro e outros rios; caminhadas na mata e na cidade; e o protesto Luta pela Vida ocupando a Praça dos Três Poderes, em Brasília, em agosto de 2021.

Ressoar a pergunta: o que vem a ser o Txaísmo?

O que vem a ser o Txaísmo?

Ressoar essa pergunta é prolongar reflexões acerca de práticas de relação e formas de alianças a partir da perspectiva dos povos originários. Diante da guerra entre mundos que estamos vivendo, as alianças se tornam uma questão de sobrevivência.

O que vem a ser o Txaísmo? Essa pergunta deixa alguns rastros por meio dos quais é possível tecer caminhos para percorrer esse mundo em conflito.

Aqui, quisemos ressoar a pergunta, ecoá-la junto a outras pessoas indígenas e não-indígenas aliadas às causas de nossos povos, para contemplar as ramificações dessa indagação com que nos deixou Jaider Esbell.

O que vem a ser o Txaísmo?

Na impossibilidade da resposta, um caminho de investigação se abre, através da palavra, pra desatar alguns nós. Alguns de nós. O que vem a ser o Txaísmo? É possível fazer perguntas à própria pergunta, ressoá-la, disseminá-la através da voz. Comunicar essa palavra em rede, estudá-la junto, configura uma forma de ecoar, encantar a pergunta em resposta, pelos diferentes cantos do lugar onde ela habita.

Podemos imaginar esse lugar.



Figura 1: Sobreposição entre São Paulo e o rio Jordão. Frame da palestra-performance.

Um campo aberto onde interações improváveis e amplamente diversas podem acontecer. Uma assembleia espontânea no meio da mata. Um contato entre

multimundos, difícil de estabelecer. Uma cadeira vazia no meio de uma sala cheia de cadeiras ocupadas. Uma casa confortável onde podem habitar visíveis, invisíveis, pessoas de longe e de perto, em cômodos compartilhados e arejados. Um olhar pra além da cerca ou do muro. Uma designação, uma nova nomenclatura pra um sentimento antigo, que é o sentimento de querer se aliar. Um platô pra se construir imaginações. Mistério sem mistério.

No texto inscrito na parede da entrada da exposição *Moquém_Surari: arte indígena contemporânea*, de curadoria de Jaider Esbell, ocorrida entre 4 de setembro e 28 de novembro de 2021 no Museu de Arte Moderna de São Paulo, ao lado de sua tela *Txaísmo*, ressoa a pergunta como um convite:

Txaísmo é um conceito formulado por Jaider Esbell a partir da palavra *txai*, termo em Hãtxa Kuin, língua do povo Huni Kuin, que pode ser traduzido por “cunhado”. Aqui, cunhado, ou *txai*, evoca um tipo específico de aliança com uma pessoa não-consanguínea com quem estabelecemos relações de reciprocidade e comprometimento, seja por parentesco ou por afinidade. Txaísmo é, assim, a possibilidade de ser aliado daquele que é diferente de nós. No contexto do encontro violento entre mundos inaugurado pela invasão colonial, o txaísmo é um convite urgente pra criar novas formas de relação, dilatadas em outras dimensões de tempo e espaço, fundamentadas na produção de multiplicidades.

Atendendo ao convite, e refletindo sobre sua urgência, podemos abrir a palavra Txaísmo. Em seu núcleo está a palavra *txai*. Um primeiro passo da investigação é seguir seu rastro.

Para isso, ressoar a pergunta: Rita Sales Huni Kuin, artista, comunicadora e liderança de seu povo. O que vem a ser o txaísmo?

Pra mim, o Txaísmo é uma palavra nova do termo *txai*, porque na verdade a palavra *txai* vem da cultura hunikuin, ou seja, a palavra verdadeira seria *txãí* que é a forma como se chama entre cunhados, cumprimento somente entre os homens. Antigamente

também era usada para se comunicar entre pessoas e animais. Segundo relato dos mais velhos, a palavra txãi foi alterada com a chegada do nawa, aquele que veio de fora e começou a se perguntar qual seria a melhor palavra para se comunicar com as outras pessoas. Como a palavra txãi não é fácil de pronunciar entre outras línguas, fizeram a alteração para o termo txai, que hoje é conhecido mundialmente e também por várias outras etnias, o que torna mais fácil a comunicação com qualquer outro parente ou qualquer outra pessoa. Várias outras pessoas vêm também usando esse termo como "irmão", "amigo" ou algo como "família" que faz se sentir mais próximo, mas que na verdade nós hunikuin sabemos o que quer dizer.

Hoje, infelizmente, a cultura e as palavras originárias estão sendo alteradas pelos nawa em vários sentidos. Muitas vezes a palavra ganha uma forma sem sentido para nós, porque traz a influência da cultura de fora que chega impondo seu modo de vida e visão de mundo. Isso traz consequências como apropriação da cultura e mudança nos costumes. Formas de se vestir, comer, morar foram sendo alteradas com a presença desses outros povos, assim como está acontecendo com as palavras, com as medicinas e a arte agora.

Por outro lado, o Txaísmo trouxe o espalhamento das culturas originárias, melhor adaptação com a realidade e relação mundial entre as pessoas que conhecem do que estamos falando, independente da sua cultura. Usando a inspiração do artista Jaider Esbell, criador do termo que estamos aqui tratando, e honrando sua visão de mundo atual, penso que um ponto positivo vem das alianças afetivas, verdadeiras famílias que se formam entre nativos e pessoas de fora que realmente tem como interesse principal incentivar e fortalecer as culturas raiz do Brasil e do mundo e aprender com elas e com a gente. E hoje, as pessoas estão usando a palavra txai nesse sentido, de ver como um irmão, muitas vezes mais que um irmão, num significado muito profundo.

Não é qualquer pessoa que se chama de txai. Se conseguirmos manter esse olhar de irmandade, podemos alcançar mudanças significativas como demarcação das terras, escolas da cultura local, desenvolvimento da arte contemporânea e sua divulgação e uma visão daqueles que entendem da palavra. É importante pra nós levar a palavra e seu significado real aos que ainda não entendem e aqueles também que querem entender. É uma palavra tão pequena, mas que tem um significado gigantesco do qual a partir dela surge essa oportunidade de afeto e apoio entre nativos originários e mundo, tanto na visão espiritual quanto material entre nós povos originários.

Uma vez que o vínculo amoroso colore a aliança, podemos pensar que ela deixa de delimitar um tempo reto, circunscrito, e passa a operar através de um conjunto de elaborações mais complexo, de longo prazo. De relações de invenção de famílias, laços. Relações pra toda a vida, que não dependem somente de contratos pra durar. Como diz Ailton Krenak, as alianças afetivas não nascem da festa, do gozo, do riso, pelo contrário, elas nasceram do conflito e da incomunicabilidade de mundos para que esse cenário possa se converter em outra imagem. Aí sim, uma imagem de festa, parte de uma cosmopercepção compartilhada por comunidades, constantemente elaborada pelo convívio e pela troca dia após dia: alianças vivas.

A pergunta que mobiliza nossa investigação ressoa em Gustavo Caboco Wapichana, artista multilinguagens:

Txaísmos e outros feitiços para abrir o caderno de campo de Koch-Grünberg.

Meu mano, chegou a hora de acordar deste sonho!

Kadiwéu e Wapichana: Kadichana.

Maxakali e Huni Kuin: Maxakuin.

Makuxi, Maxakali e Baniwa: Makuxakaniwa.

São tantas formas de irmanar-se para seguir a nossa caminhada.

Quero aqui relatar o sonho que tive e compartilhei na abertura dos 20 anos do festival de filme-documentário etnográfico, Fórum.doc, dia 18 de novembro de 2021.

Hoje eu sonhei com meu irmão.

Hoje eu sonhei com nosso irmão mais velho.

Corre, tatu! Wapichana corre com Makuxi. Makuxi corre com Wapichana. Encontros Makuchana.

Estado da arte: nossas sementes vivem.

Hoje sonhei com meu irmão.

Buscamos em acervos etnográficos e museus, fotos de nossos parentes do Rio Branco, do Rio Rupununi e de toda nossa história colonial.

Corre, corre! Eles vão te pegar, parente.

Me encontrei também com meu parente Aruak. Pudemos presenciar as filhas encontrando fotos de seus pais. Pudemos presenciar as filhas encontrando fotos de suas avós. E é isso.

Olha lá, olha lá! Aquele nosso parente quando era criança.

Me desculpa, meu parente, por ter guerreado no passado. Me desculpa, meu parente. Hoje, a nossa luta é uma só. Então, corre, corre, corre, corre, meu parente!

Não querem que vejamos essas fotos. As imagens raptadas das nossas avós. Tudo registrado em foto. E quem tava do lado? O antropólogo com aquele chapéu, revelando ser o sequestrador daquela imagem, da captura, da ruptura da nossa memória, quando dizem: “Foto de índio subindo em árvore”. Isso na legenda.

Por quê o sorriso no rosto? E agora, parente? Tranca a porta do museu, que eles tão vindo nos pegar, e as fitas VHS e as fitas K-7 com os rezos do meu parente. Bora correr.

Cuida, cuida, cuida, cuida, menino. Mas não me apresse.

Hoje sonhei com meu irmão mais velho.

E o campo continua em chamas.

O que vem a ser o Txaísmo?

Muitos são os caminhos pelos quais podemos responder a essa pergunta, sem pretender dar uma resposta definitiva nem uma definição única. Podemos remetê-la às múltiplas trocas, alianças, formas de organização política e de interação social que sempre existiram em meio às constelações dos povos originários. Podemos remetê-la às distintas temporalidades das formas possíveis de contato entre diferentes povos indígenas com a sociedade colonial.

Mais perto de nossa própria história, vem à tona a Aliança dos Povos da Floresta, essa luminosa iniciativa que floresceu no início dos anos 90 na “floresta encantada circum-acreana”, em seguida à conquista dos direitos originários dos povos indígenas na Constituição brasileira. Tratava-se de uma aliança, literalmente, dos povos da floresta. Não só de povos indígenas e de seus aliados nas cidades, mas que incluía também seringueiros, ribeirinhos, beiradeiros, gente que tem uma visão viva da floresta, que possui uma profunda afinidade com o clima, os ritmos e os seres da floresta, com quem compartilham a vida cotidiana. Desse íntimo convívio entre humanos e não-humanos, visíveis e invisíveis, paisagens e pedras, chuvas e ventos, rios e matas, vem a inspiração dessa aliança.

Marlui Miranda, musicista e musicóloga, pesquisadora das musicalidades dos povos indígenas desde a década de 1970, ressoa a pergunta:

No início da década de 1990, foi criada a Aliança dos Povos da Floresta. Essa aliança congregava ações solidárias para o apoio e defesa do meio ambiente e dos povos da floresta, seringueiros, indígenas, ribeirinhos, quilombolas, e pra organizar esta ação, que foi bem orquestrada para levantar apoio financeiro, dar visibilidade e apoiar ações de sustentabilidade para esses povos... então nós, com muita felicidade participamos desse projeto tão importante. E tendo o Milton Nascimento como um eixo condutor, porque o trabalho iria resultar numa produção musical dele, num CD, que ele chamou de Txai, depois que fez uma grande viagem de reconhecimento, de aproximação, no Acre, entre os povos indígenas Kaxinawá e Ashaninka. Essa viagem criou, portanto, uma oportunidade muito criativa para o Milton compor uma série de seus poemas musicais tão bonitos, tão importantes. E que resultou tão bem para esse projeto, da

Aliança dos Povos da Floresta. Sendo que ele mesmo, ele abriu mão dos seus direitos pra ceder a essa instituição. Nesse projeto havia participação dos Paiteer, com o pajé Perpera cantando uma pajelança, algo muito importante também, e também havia uma participação dos Kayapó e outras.

Depois de gravar o trabalho, especialmente a nossa canção, que a canção que nós cantamos, nós escolhemos, Nazoni na, do povo Paresi Haliti, houve uma grande divulgação desse termo através do trabalho que foi lançado pelo Milton Nascimento. Ele foi responsável por uma difusão muito grande do termo txai, e desde então ele sempre se refere, volta a este trabalho, canta, interpreta, e traz à tona sempre essa ideia de uma humanidade compartilhando seus problemas e se ajudando. E de povos indígenas que se abraçam nesse termo tão bonito. Então foi um trabalho com muito empenho, e que colaborou pra difundir largamente, a partir do trabalho da visibilidade que o Milton Nascimento tem, colocando à serviço da Aliança dos Povos da Floresta. Nós todos estávamos nessa disposição. Depois, anos depois, Jaider Esbell trouxe uma terminologia a partir da palavra txai, que é uma palavra pan-étnica. Ela praticamente passa a pertencer não só a todos os povos que chegaram a conhecê-la, poucos não conhecem, mas também no mundo dos brancos, os brancos também conhecem essa palavra, e não é uma palavra, ela é uma forma de exprimir a relação profunda de solidariedade, ou de participação na vida do outro, uma relação de companheirismo.

Jaider trouxe essa ideia do Txaísmo. É uma ideia incrível, porque o Txaísmo era realmente a continuação dessa ligação entre almas, pessoas, espíritos, seres que habitam no mundo natural, mundo sobrenatural, ligações entre pessoas que se conhecem, entre pessoas que estão longe, pessoas que estão perto, um chamado de aproximação com as pessoas, com os povos do mundo todo, é uma expressão universal. Então a minha experiência com o Txai Nascimento foi profundamente

enriquecedora [...] Então txai passou a ser usada no âmbito do Txaísmo, numa corrente que tem princípios éticos que o Txaísmo de Jaider Esbell traz pra nós.

A conquista e a manutenção dos direitos são uma luta incessante para os povos indígenas. Mas, de certa forma, não é suficiente. É preciso cavar, cunhar, tecer outros meios de fazer política — se quisermos usar essa palavra que não faz parte do repertório conceitual dos povos originários. “Índio cidadão?”

Nessa história, a ideia de *florestania*, em contraponto e complemento à de cidadania, é outro legado desse fértil momento de levante dos povos indígenas, do reconhecimento de que não só nas cidades, não só os cidadãos, os habitantes das cidades, mas também os povos da floresta são detentores de direitos. De que existe uma florestania. A reivindicação de um lugar de legitimidade, de reconhecimento, que abarca não só humanos, mas as árvores, os rios, os bichos que compartilham a nossa morada terrestre conosco.

Pensar as alianças não apenas como movimentos produtivos, produtores ou úteis mas sim como relações duradouras, faz com que pensemos nelas pela via do afeto, como coloca, mais uma vez, Ailton Krenak. O pensamento em torno das alianças afetivas, reflete o reconhecimento de que não existe troca verdadeira possível, onde haja um interesse exclusivista ou extrativista, de progresso a todo custo. Aliar-se de modo afetivo inverte os sentidos da lógica sistêmica do mercado de que toda parceria, profissional, amadora ou ambas, precisa gerar resultados práticos, rápidos e eficazes, ou seja, produtos.

Anna Dantes, editora e idealizadora do Selvagem — ciclo de estudos sobre a vida, também ressoa a pergunta:

A primeira vez que ouvi a palavra txai foi em 2011, quando eu comecei a trabalhar com o povo Huni Kuin. Eu colaboro com o povo Huni Kuin desde então e em agosto e setembro de 2011 foi a primeira vez que eu estive numa aldeia do rio Jordão.

A palavra txai, pelo que eu entendo ou venho entendendo, para o povo Huni Kuin, ela é relativa a uma pessoa que passa a integrar um coletivo de forma a trazer uma qualidade complementar.

O Txana Bane uma vez falou que o txai seria uma “uma parte de mim em você e de você em mim”, essa troca. Então eu acho que tem muito a ver até com uma simbiose, com essas ações, essas formas de vida que se associam pra trazer um benefício pra comunidade, ou pra si mesmo ou pra comunidade, ou ambos.

O txaísmo seria uma elaboração a partir dessas reciprocidades que geram um benefício mútuo entre povos e formas, costumes e culturas diferentes.

O que eu observo dessa relação, desse outro, que não é um outro do mesmo povo, que passa a fazer parte da mesma família, como o txai original, essa família expandida, essa família intercultural, o que eu percebo é que há uma questão complexa, pois essa questão colaborativa não é uma questão ainda muito amadurecida nas sociedades brancas, porque o povo branco, esse povo urbano, esse povo que tá nessa civilização dita ocidental, que vive dentro dessa cultura capitalista, esse povo branco, ele é muito ligado ao dinheiro. Ele tá atado ao dinheiro, amarrado ao dinheiro. Ele entende os valores a partir dessa grande roda gigante do qual ele faz parte, desse sistema. Então, quando se estabelece uma relação de txai, de colaboração, de pertencimento entre o povo indígena e o povo branco, a questão do dinheiro passa a ser um fator complicador, então, corre-se o risco do termo txaísmo virar um discurso bem bonitinho sobre essas relações, mas que são relações que se confundem, que têm esse descuido porque muitas vezes, quando há uma relação entre o branco e o indígena, a questão do dinheiro passa a ser um valor, passa a integrar isso. Tanto a passagem do dinheiro para os povos indígenas, como talvez o entendimento de que o quê o índio faz para o branco passa a ter um preço. Ele vai ser avaliado a partir desse preço. E mesmo quando ainda esse txaísmo é transportado, adotado por uma determinada galera que começa a se considerar txai, esse valor também passa a contar, porque muitas vezes quem tá trazendo toda uma habilidade, uma qualidade, um olhar, um serviço para um

determinado coletivo, não é tão considerado como quem entra com o dinheiro. Então, dentro dessa máquina do txaísmo, eu acho que existem fatores que complicam e sempre tão muito ligados ao dinheiro. Inclusive quando isso entra na questão espiritualidade e dinheiro. Espiritualidade, arte e dinheiro. É algo que precisamos todos, eu acredito, amadurecer muito, para esse entendimento, porque não é uma corcunda que você adquire, que você coloca ali e “agora somos txai” e tá tudo resolvido. Poderia ser, mas isso corre o risco de ser só um discurso. Claro que talvez um discurso seja uma forma de plantar uma ficção, e é se plantando uma ficção que a gente também se transforma. Mas é preciso ter maturidade, observação, consciência sobre o que essas relações trazem. Não adianta importar esse termo para um tipo de relação acreditando que ele salva essas relações complexas, essas relações que são corrompidas, talvez, pelo dinheiro. Então, o txaísmo pode se tornar uma corruptela de algo que é muito profundo, que está na base de uma cultura de relações colaborativas, de trocas de habilidades para um benefício comum, então esse termo pode criar uma corruptela que se transforma numa corrupção desse valor cultural a partir de um momento que vivemos numa sociedade que é muito afetada por essa qualificação das coisas, por essa métrica financeira.

A complexidade da pergunta reflete conflitos ontológicos em curso (Almeida 2013). Olhar repetidamente para um mundo em decomposição nos faz inspirar – e expirar na busca de novos elementos nessa paisagem. Esses elementos podem refletir tanto o conflito quanto a parceria. E, muitas vezes, as duas coisas se misturam. Como nos diz Jaider Esbell, na obra que estamos vendo agora: “Olhe mais, olhe ao contrário”.



Figura 2: Txaísmo (2021), de Jaider Esbell. Fotografia de Lucas Canavarro.

O que vem a ser o Txaísmo?

Ressoa Nana Orlandi, artista transdisciplinar e idealizadora do Mi Mawai, plataforma de alianças entre artistas indígenas e não-indígenas:

Se txai significa cunhado

alguém incorporado á família, aparentado não por sangue, mas por relação

Penso que txaísmo

é sobre constituir família para além dos laços sanguíneos

é sobretudo sobre amizade

Nos tornamos parentes por afinidade, nos unimos por escolha

é construir relação com base no respeito, na confiança, no amor

amor é aquilo que nos faz transformar

o mundo e á nós

construir relações de troca e aprendizado

Txaísmo também é sobre dar voltas e voltar

é sobre estabelecer relações que se desenvolvem no tempo

Relações pra vida

Trabalhar junto

Construir vida junto

Arte-vida

Viver um mundo comum onde a diferença é alimento

que nos faz crescer e transformar

nos transformar e seguir transformando

Jaider nos ensinou

A AIC é escola

A AIC é encontro

A AIC é encantamento

Uma Chave para criar e acessar outros mundos

A cada aprendizado, uma abertura de caminho

A cada resposta, infinitas perguntas que ressoam

Pra seguir buscando

Olhar de novo e de novo e de novo

se abrir pro novo

Se abrir para o outro

Incorporar múltiplas visões

Do espírito pra matéria

Da matéria pro espírito

De dentro pra fora, de fora pra dentro. As relações txaístas propõem um desdobramento em aberto de conexões. O Txaísmo se apresenta, assim, através de uma operação aparentemente intraduzível de troca, que acaba por se manifestar na forma de rezos, cantos, sons, imagens, palavras, como expressão artística, mesmo. Dentre essas estratégias de sobrevivência, por exemplo, está a Arte Indígena Contemporânea.

Nas vozes que aqui ressoaram a pergunta, pudemos esbarrar diversas vezes com a ideia de *invenção*. E é por isso que ela, não à toa, foi cunhada por um artista. Ela inspira caminhos possíveis em formas de expressões como o cinema, as artes visuais, a música, a literatura, práticas de transmissão de afetos, pela imaginação de outras humanidades possíveis.



Figura 3: Mobilização Luta pela Vida na Praça dos Três Poderes, em 2021. Frame da palestra-performance.

Por fim, mas sem fim, voltamos a quem provocou a pergunta: Jaider Esbell, agora encantado, que em vida encantou a pergunta pra que ela ressoasse. A partir de seu texto-pensamento de 2018, *O Txaísmo, os Txaístas e os Ismos*, a pergunta criou vida e se espalhou, se espelhou, por assim dizer, e continua seguindo. No texto, ela percorre uma trajetória que começa num diálogo entre duas samaúmas, passa pelo Rio Acre, e vai parar numa sala de aula. Citando diretamente a conclusão dessa história, a pergunta “por si só foi para os livros e tudo voltou em outra forma, de outro

modo e outro jeito de ser, e lá vinha a mesma novela-ladainha da vida grandiosa feito vidinha de poder e preenchimento, para nunca acabar o põe-tira da vida, esse puxa-encolhe enganador maravilhoso.

– Mas de fato, o que é o Txaísmo?” (Esbell 2018).

Referências

ALMEIDA, Mauro W. Barbosa de. Caipora e outros conflitos ontológicos. **R@U | Revista de Antropologia da UFSCar**, v.5, n.1, jan.-jun., p.7-28, 2013.

<https://doi.org/10.52426/rau.v5i1.85>

ESBELL, Jaider. O Txaísmo, os Txaístas e os Ismos. **Galeria Jaider Esbell**, 13 ago. 2018. Disponível em: www.jaideresbell.com.br/site/2018/08/13/o-txaismo-os-txaistas-e-os-ismos/. Acesso em 30 jan. 2022.

ESBELL et al. **Moquém_Surarî**: arte indígena contemporânea. Editado por Paula Berbert. São Paulo: Pinacoteca do Estado, 2021. Catálogo de exposição, 4 set. a 28 nov. 2021.

KRENAK, Ailton. **Encontros**. Organizado por Sergio Cohn. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2015.

KRENAK, Ailton. Alianças vivas. *In*: **Tembetá**. Editado por Idjahure Kadiwel e Sergio Cohn. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2019.

Sobre os autores

Idjahure Achkar de Mendonça Pinto Kadiwel é doutorando em Antropologia Social pela USP. Mestre em Antropologia Social pelo MN/UFRJ(2020). Graduado em Bacharelado e Licenciatura em Ciências Sociais pela PUC-Rio (2017).

<http://lattes.cnpq.br/9525629798033822>

Lucas Canavarro é mestrando em Artes Visuais pela UERJ, cineasta, designer e midiativista graduado pela Escola de Comunicação da UFRJ, com habilitação em Rádio e TV. É integrante de Miúda, núcleo de pesquisa continuada em artes, onde pesquisa a interpolação entre imagem e corpo, a partir de práticas do cinema expandido e do live cinema, bem como da documentação de ações performativas. Em Miúda, dirigiu os vídeos das peças Pequeno Quadro Público, Cavalos e Baías (vencedor do prêmio de melhor vídeocinografia no FITUB - Blumenau/SC), Só não viu quem não quis, CACO - possível produção de memória para o espaço da casa e Eu queria falar sobre outra coisa; e atuou em Pequeno Quadro Público, Todo esse mato que cresceu ao meu redor e Primavera Leste, e atualmente ensaia Couve-flor, com estreia prevista para novembro no Teatro Sérgio Porto. No teatro e na dança, trabalhou

com diretores como Cristina Moura, Dani Lima, Moacyr Góes, Lucas Wiegliniski, Marília Pêra e Pedro Brício nas projeções de diversos espetáculos. É integrante do Coletivo Fantasma, grupo que desenvolve intervenções urbanas em cinemas de rua desativados por todo o país. Foi aluno de Cadu no curso Meios Múltiplos, na Escola de Artes Visuais do Parque Lage, onde desenvolveu a performance (in)Titular, e artista convidado da exposição Box, de Anna Clara Carvalho, apresentada no CCJF/RJ. Na música, é colaborador visual da banda Pietá e VJ de Lucas Vasconcellos. No cinema, foi assistente de direção de filmes dirigidos por Lúcia Murat, Eduardo Morotó e Felipe Bragança, e diretor-assistente do curta-metragem Apocalipse de Verão, direção de Carolina Durão, apresentado em diversos festivais no Brasil e no mundo, além de ter montado o sistema de vídeo-vigilância de Tropa de Elite 2. Com seu curta-metragem Um filme mal montado, venceu o prêmio de Melhor Filme - Júri Popular no Festival Perro Loco. Também dirigiu o curta-metragem Volta, rodado na Universidade das Artes de Berlim, e atualmente monta Notícias Hiperlocais, filme que apresenta uma série de performances sobre as transformações sociais no Rio de Janeiro.

<http://lattes.cnpq.br/6143138945570336>

Recebido em: 07-02-2022

Esta versão está publicada em *Ahead of Print*

Como citar

Kadiwel, Idjahure Achkar de Mendonça Pinto; Martins, Lucas Canavarro Rodrigues (2022). Ressoar a pergunta: o que vem a ser o Txáismo? *Revista Estado da Arte, Uberlândia*. v.3, n.2, p.1-17, jul./dez. <https://doi.org/10.14393/EdA-v3-n2-2022-64591>



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional.